

## AS LIÇÕES DE ROSA

Juliana Soledade  
UFBA

Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total. (João Guimarães Rosa - Grande Sertão Veredas, p. 327)

Ao iniciar um texto em que pretendo celebrar a memória da querida professora Rosa Virgínia Mattos e Silva não poderia me furtar de encabeçá-lo com uma epígrafe, prática que ela mesma tomava muito para si. E é de Rosa, esse outro, a epígrafe que, na fala de Riobaldo, vem nos dizer da tarefa humana de agigantar o olhar para tentar alcançar o muito que não se vê. Rosa Virgínia foi um desses seres humanos que possuía essa destacada característica – a cabeça aumentada – em modo original de fábrica e que, contudo, em toda a vida, nunca se permitiu o comodismo diante disso, pelo contrário, sempre esteve em busca de mais e mais conhecimento: da língua, da história, do mundo, mas também, interessada nas pessoas e nos lugares das pessoas no mundo. Por isso, singularmente agregadora e generosa, ela sempre estendeu a mão para quem a quisesse acompanhar.

Assim, como já se demonstra, construo esse texto em primeira pessoa primeiro pelo desejo de me colocar como sujeito histórico que, diante de sua subjetividade, sua personalidade se dispõe a narrar essa experiência de convívio com o sujeito/objeto dessa lembrança. Portanto, esse texto, embora venha percorrer sendas teóricas, será trilhado por um coração inundado de saudade.

Optarei, então, por falar aqui sobre algumas das lições que aprendi com a Professora Rosa, na convivência enquanto aluna, enquanto orientanda e, sobretudo, enquanto membro do PROHPOR (*Programa para História da Língua Portuguesa*), pois essas lições me moldaram enquanto professora, estudiosa e orientadora e tem se perpetuado através de todos nós do grupo de pesquisa<sup>1</sup> que, ainda hoje, buscamos, com afinco, dar continuidade ao seu trabalho.

A lição n.º 1 de que gostaria de falar se configura como um aspecto basilar de toda a minha perspectiva enquanto professora e pesquisadora e diz respeito à compreensão da língua como fenômeno histórico.

Vinda da tradição de estudos filológicos e tendo iniciado sua trajetória acadêmica com a edição de textos medievais (o *Livro das Aves* - juntamente com seu mestre Nelson Rossi e suas colegas Jacyra Mota e Vera Rolemberg; o segundo livro dos *Diálogos de S. Gregório* - objeto de seu mestrado e ainda, os três testemunhos vernáculos, então conhecidos, dos *Diálogos de São Gregório* - objeto de sua tese de doutoramento), Rosa Virgínia Mattos e Silva percebeu, desde muito cedo, que a análise dos fatos linguísticos não pode prescindir de uma perspectiva em que esteja incluída a historicidade das línguas, quer se as observe do ponto de vista intralinguístico, quer se as observe do ponto de vista extralinguístico, e, assim, que a associação entre essas duas perspectivas é que será capaz de melhor dar conta desse fenômeno complexo que é a linguagem humana.

Dessa forma, o estudo da constituição histórica da língua portuguesa se tornou o seu percurso natural e, como linguista, jamais se contradisse ou se deixou cooptar por perspectivas teóricas que excluíssem da língua o seu caráter histórico. Por isso, vai encontrar nas palavras de Labov a melhor resposta para aquela pergunta tão corriqueira entre os defensores da primazia dos estudos sincrônicos: por que fazer linguística histórica? Segundo Labov (1982: 20) e Mattos e Silva (2006), o estudo de dados do passado contribui para iluminar o

---

<sup>1</sup> Aqui opto por empregar a primeira pessoa do plural para me desdobrar em todos os que fazemos parte da História do PROHPOR e que a ela buscamos dar continuidade, integrando o grupo atual, dentre os quais cito: Alan Norman Baxter, Antonia Vieira dos Santos, Aurelina Ariadne Domingues Almeida, Carlos Felipe da Conceição Pinto, Cristina dos Santos Carvalho, Eivalda Alves Araujo, Elisângela Santana dos Santos, Emília Helena Portella Monteiro de Souza, Ilza Maria de Oliveira Ribeiro, Joalêde Gonçalves Bandeira, José Amarante Santos Sobrinho, Juliana Soledade Barbosa Coelho, Klebson Oliveira (*In memoriam*), Lucas Santos Campos, Mailson dos Santos Lopes, Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda, Norma Lucia Fernandes de Almeida, Sônia Bastos Borba Costa, Terezinha Maria Mello Barreto, Tânia Conceição Freire Lobo, Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e todos os nossos orientandos, do passado e do presente.

presente das línguas<sup>2</sup>. Assim, na década de 80 do século passado, a linguística histórica se viu fomentada pelo avanço da teoria variacionista laboviana, que corroborou sua importância, tornando-a ainda melhor justificada quando tomou como postulado constatável que a observação de dados historicamente datados comprova processos de mudança linguística que muitas vezes tem relação direta com processos de variação presentemente observáveis.

Além disso, como bem demonstra Maria Helena Mira Mateus, na saudação que fez à professora Rosa quando da realização do *Rosae - I Congresso Internacional de Linguística Histórica*, em sua homenagem:

Existem, sim, várias motivações para perscrutar os tempos antigos. Pegando nas suas próprias palavras, “os dados do passado das línguas podem fornecer argumentos para teorias que têm como objetivo explicações dos mecanismos cognitivos e psicológicos que estão na base de qualquer língua histórica.” (2006a, p. 16). (MIRA MATEUS, 2012, p.14)

Da importância desse olhar para o passado, decorre naturalmente a lição n.º 2 que nos foi legada pela mestra maior da linguística histórica no Brasil: a necessidade de se estudar o português arcaico.

Ao longo de sua vida como pesquisadora e professora, Rosa Virgínia se dedicou com afinco e criatividade ao estudo do português em suas primeiras sincronias, como bem atestam algumas de suas publicações de maior expressividade, como as *Estruturas Trecentistas*, de 1989; *O português arcaico: fonologia*, de 1991, *O português arcaico: morfologia e sintaxe*, de 1993 e *O português arcaico: uma aproximação*, de 2008. Sobre esse último título, destaque, dentre as suas várias lições, a compreensão de que todo o conhecimento acerca do português arcaico será sempre parcial e fragmentário, isso se impõe pela própria natureza das fontes testemunhais disponíveis, que se restringem à documentação remanescente. Disso decorre que nunca poderemos apreendê-lo em sua totalidade, podendo apenas nos aproximar.

O estudo do português arcaico tem contribuído, ao longo dos anos que lhe tem sido dedicados no âmbito das pesquisas do PROHPOR, para o conhecimento de fatos pretéritos da língua que engendram argumentos significativos para a compreensão de aspectos atuais da gramática da língua

<sup>2</sup>Na verdade, esse postulado se aplica a todos os campos da ciência e do conhecimento humano, pois, tal como afirma Muchembled (2001, p.06), para todo e qualquer campo do saber se faz necessário, “[...] compreender cada vez melhor o passado para tentar decifrar nosso tumultuado presente.”

portuguesa, superando uma lacuna importante deixada pelos estudos filológicos, que em finais do século XIX e no século XX, muito contribuíram para edição crítica de textos do referido passado histórico da nossa língua.

Tendo construído a sua história enquanto pesquisadora, sobretudo, no esteio dos estudos acerca do português arcaico, Rosa Virgínia sempre me fez ver que, para além do mero interesse científico do pesquisador sobre o primeiro período documentado da história da língua, estamos diante de um labor linguístico de importância fulcral, pois ao se considerar a língua como fenômeno histórico sabemos que “nada, ou quase nada, nas línguas se perde, tudo se transforma e é observando o passado que se podem recuperar surpresas que o presente, com frequência, nos faz.” (MATTOS e SILVA, 1991, p. 12-13).

Além disso, com ela aprendi que o interesse pelo estudo do período arcaico da língua portuguesa deve também se justificar pelo fato de que àquela altura ainda não se explicitara a norma nem os padrões de uso prestigiados e legitimados pelos gramáticos, i.e., a língua se revelava bastante heterogênea no decorrer dos seus quase quatro séculos. Em verdade, essa heterogeneidade significa um *continuum* de variações e mudanças em processo nas estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas da língua, devido, sobretudo, à falta de normatização, à falta de escolarização em língua portuguesa - já que na Europa medieval é o latim a língua das escolas, e à fragilidade dos padrões de usos linguísticos, que naturalmente se tornavam distintos, de acordo com as mudanças socioculturais de uma nação em formação. Assim, a língua portuguesa medieval, tal qual um cavalo selvagem, percorria as suas pastagens livre e desimpedida dos arreios normativos, sendo, portanto, um objeto único e relevante para a compreensão do fenômeno linguístico.

Ao perseguir a língua arcaica em seu devir histórico, Rosa Virgínia me ensinou que nos estudos das línguas, quem impera são os dados – lição n.º 3. Nas orientações que tive com ela, os momentos mais prazerosos dizem respeito ao nosso conjunto debruçar sobre os dados do léxico e da morfologia do português arcaico e o discutir e o desvelar aspectos dessa subgramática, complexamente hierarquizada. Nesse intento, nunca me foi orientado tomar uma perspectiva teórica aprioristicamente, correndo o risco de submeter os dados a um reducionismo, como é frequente em muitos estudos em que os dados são apresentados apenas na condição de exemplos suficientes para a

comprovação de pressuposto teóricos previamente tomados com valor de verdade absoluta. Assim, nos dizia Mattos e Silva que:

[...] para a interpretação de factos linguísticos do passado e em um estudo geral sobre o português arcaico, devem-se conjugar teorias e métodos conviventes na linguística contemporânea, a depender do facto sob análise e da bibliografia disponível a ele referente. (2008a, p. 28-29)

Isso significava que o trabalho era antes de qualquer coisa um labor descritivista, era preciso considerar o valor heurístico dos dados. Diz ela, em seu *O português arcaico: uma aproximação*:

Partirei sempre de uma base de análise descritiva, e, a depender do tópico sob análise e da bibliografia a ele referente e a mim disponível, utilizarei análises estruturalistas, análises com base na metodologia quantitativa, em geral de orientação laboviana, análises funcionalistas, sobretudo no que se referem a processos de gramaticalização e de análises gerativistas... (2008a, p. 28)

O que para alguns pode parecer ecletismo teórico ou caos metodológico, para mim e para todos que a leram representa uma fidelidade à natureza mesma dos dados. Para mim, que tive a oportunidade de ser formada por ela e pelas Professoras Sônia Borba Costa (do PROHPOR) e pela Professora Graça Maria Rio-Torto (da Universidade de Coimbra), ambas com a mesma orientação metodológica e respeito ao valor heurístico dos dados, essa é uma lição de caráter basilar e que tem se mostrado constante em todo o meu percurso enquanto pesquisadora e que faço questão de transmitir aos meus alunos, uma vez que considero essa a perspectiva que mais se fideliza à realidade linguística, ao que a língua realmente é e que só os usos nos podem contar.

Sempre atenta e preocupada com o ensino da língua portuguesa no Brasil, professora Rosa também se voltou para os estudos do português brasileiro, o que a levou a uma sintética conclusão que abarca um complexo cenário linguístico: o português são dois, se não vários - lição n.º 4.

No esteio da sociolinguística laboviana, colocando-se contrária à concepção de variação linguística entendida como desordem degenerativa, que tornaria inviável o funcionamento do sistema, Rosa Virgínia veio a ensinar que a heterogeneidade dialetal brasileira tem sérias implicações sobre o ensino da língua e que a escola brasileira não tem como dar conta da transmissão do

padrão linguístico preconizado pela tradição gramatical normativa, sobretudo porque a norma culta já apresenta características, sobretudo morfossintáticas, consistentes e divergentes em relação à norma padrão.

Porém, mesmo diante dessa preocupação, de ordem pragmática, com um aspecto social hodierno, professora Rosa não deixou de nos provar que a língua é um fenômeno histórico, estabelecendo uma clara relação entre a realidade linguística brasileira atual e o processo sócio histórico de constituição do português brasileiro, de onde se origina a percepção de uma cisão fundamental na língua portuguesa, que permitiu que duas variedades socioculturalmente marcadas se bifurcassem em direções opostas, dando origem à variedade dialetal brasileira polarizada entre o português culto e português popular brasileiro.

Por fim, ao considerar a língua portuguesa em sua heterogeneidade tanto diacrônica quanto sincrônica, Professora Rosa Virgínia nos ensinou que é importante buscarmos ouvir o inaudível- lição n.º 5.

Nesse sentido, aprendi com ela e com o grupo de pesquisadores do PROHPOR que buscar ouvir o inaudível não é apenas “fazer o melhor uso de maus dados” - por que distantes e fragmentários, mas também buscar recuperar dados linguísticos que nos permitam a reconstrução da memória daqueles a quem a história canônica não deu voz. Foi assim que o PROHPOR, liderado por professora Rosa, veio a contribuir significativamente com o projeto *Para História do Português Brasileiro* (PHPB), oferecendo a sua busca por fontes documentais que trouxessem à luz da linguística as vozes inaudíveis de negros, índios e mulheres. Assim, temos a tese de Klebson Oliveira sobre a documentação remanescente da Sociedade Protetora dos Desvalidos, a dissertação de Mestrado de Wagner Argolo sobre as línguas gerais no Brasil e a dissertação de mestrado de Ana Sartori Gandra sobre cartas de uma mulher e um homem na primeira metade do século XX (coincidentemente meus avós), destacando as práticas de letramento entre homens e mulheres. Em suma, seja buscando os dados da língua portuguesa em períodos recuados, lidando com a documentação remanescente, seja escavando arquivos públicos e pessoais em busca das vozes silenciadas, professora Rosa com certeza nos ensinou a ouvir o inaudível.

Por fim, gostaria de dizer, com Ferreira, que as verdades científicas não estão imunes à imaginação, aos mitos, ao imaginário, às ideologias da época e do sujeito que se propõe ao fazer científico, pois “A mente não está afastada do seu corpo, nem do seu espírito, nem de sua história, nem de sua cultura, nem de seus preconceitos, nem de seus sonhos, nem de seus desejos, medos e anseios.” (FERREIRO, 2015, p. 21). E muito embora essas não tenham sido palavras saídas da pena de Rosa Virgínia, essa com certeza era a sua compreensão e a sua prática enquanto professora e pesquisadora.

Por isso, ao que vejo, ela já estava muito à frente de seu tempo, uma vez que não se furtava de olhar o fenômeno linguístico em sua complexidade, e por isso, já se mostrava alinhada a algumas das principais agendas da linguística cognitiva tão conclamadas hoje em dia, no sentido de: 1) pautar as análises de língua em seus usos concretos, considerando que o conhecimento linguístico emerge e se estrutura a partir do uso da linguagem; 2) propor a observação e a busca de descrição de processos, simultaneamente, cognitivos, sócio interacionais, culturais e históricos; 3) considerar que o conhecimento linguístico emerge e se estrutura a partir do uso efetivo da língua em eventos comunicativos reais e que, portanto, categorias e estruturas sintáticas, morfológicas, semânticas e fonológicas são construídas a partir de processos cognitivos gerais que aplicamos às diversas ocasiões de uso real da linguagem. Assim, muito antes que a linguística cognitiva entrasse na cena das pesquisas linguísticas no Brasil, o PROHPOR já possuía uma práxis epistemológica inovadora, devido à direção e influência de Profa. Rosa, por exemplo, no apego aos fatos de língua em uso (força comprobatória dos dados), à abertura a perspectivas gradientes (*continuum*), à intersecção entre cultura e língua, entre concretude e abstração (nos fluxos de gramaticalização), dentre outros aspectos.

Para finalizar, gostaria de dizer que eu poderia me estender a perfilar outras tantas lições que com Rosa aprendi, infelizmente esse espaço não me permite, primeiro porque é exíguo, segundo porque é acadêmico e, nesse sentido, não cabe aqui o demasiadamente humano de que se falaria. Mas, nas lágrimas que choro e chorei, desde quando, no dia 16 de julho de 2012, eu a perdi, estão sendo expressas toda a minha gratidão pelo muito que ela, a minha cabeça e o meu coração, aumentou. Assim sempre será justa, embora inesgotável, toda homenagem que a ela se possa fazer, por esse esforço e sentido

parabenizo a essa edição da revista Hyperion que, em seu renascimento, vem homenagear aquela que, entre nós, jamais morrerá.

## REFERÊNCIAS

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica*. São Paulo: Ática, 1991

FERREIRO, Camila. *Um estudo de caso da conceptualização do sexo: elementos para se pensarem redes linguísticas*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em língua e cultura do Instituto de Letras. Universidade Federal da Bahia, Salvador., 2015 Pp. 123.

GANDRA, Ana Sartori. *Cartas de amor na Bahia do século XX: normas linguísticas, práticas de letramento e tradições do discurso epistolar*. Dissertação de mestrado: PPGLinC/UFBA, 2010. Orientadora: Tânia Conceição Freire Lobo.

LABOV, W. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. (eds.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam: J.B. Publishing Company, 1982 p. 17-92.

LOPES, Maílson dos Santos. [A prefixação na primeira fase do português arcaico: descrição e estudo semântico-morfolexical-etimológico do paradigma prefixal da língua portuguesa nos séculos XII, XIII e XIV](#). Dissertação de mestrado: PPGLinC/UFBA, 2013. Orientadora: Juliana Soledade Barbosa Coelho. Coorientadora: Aurelina Ariadne Domingues Almeida.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Línguas pluricêntricas e a questão das línguas crioulas. In: SILVA, Augusto Soares et al. (Org.). *Línguas pluricêntricas: variação linguística e dimensões sociolinguísticas*. Braga: Faculdade de Filosofia/Universidade de Braga, 2011. p.197-204.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Salvador: EDUFBA, 2010.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: uma aproximação*. Lisboa: IN-CM, 2008a. Vol.1.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008b.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Por que estudar no século XXI o português arcaico, antigo ou medieval. In: SEMINÁRIO DE LINGUÍSTICA APLICADA, 10., 2008. Salvador, *Resumos...* Salvador: Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, 2008c. p.35.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Sobre o Programa para a história da língua portuguesa (PROHPOR) e sua inserção no Projeto Nacional para a história do português brasileiro (PHPB). *Estudos linguísticos e literários*, n.31/32, p.53-64, jan./dez. 2005.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Novos indicadores para os limites do português arcaico. *Revista da ABRALIN*, v.3, n.1-2, p.259-268, 2004.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. O renovado impulso nos estudos históricos do português: temas e problemas. *A cor das letras*, n.02, p.15-28, 1998a.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Alguma reflexão sobre a questão da unidade original galego-portuguesa. In: ALBÁN, Maria del Rosario Suárez (Org.). *Língua e imigração galegas na América Latina*. Salvador: EDUFBA, 1998b. p.97-103.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Para uma caracterização do período arcaico do português. *D.E.L.T.A.*, v.10, n. especial, p.247-276, 1994.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1993.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto; Bahia: EDUFBA, 1991.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: IN-CM, 1989.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *A mais antiga versão portuguesa dos quatro livros dos diálogos de São Gregório: edição crítica com introdução e índice geral das palavras lexicais*. 1971. Tese (Doutorado em Linguística) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MIRA MATEUS, Maria Helena. Saudação. In: LOBO, Tânia et al. (Org.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 13-18.

MUCHEMBLED, Robert. *Uma história do diabo: séculos XII-XX*. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

NOBRE, Wagner Carvalho de Argolo. [Introdução à história das línguas gerais no Brasil: processos distintos de formação no período colonial](#). Dissertação de Mestrado: PPGLinC/UFBA, 2011. Orientadora: Tânia Conceição Freire Lobo.

OLIVEIRA, Klebson. [Negros e escrita no Brasil do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico](#). Orientadora: Rosa Virgínia

Mattos e Silva. Coorientadora: Tânia Conceição Freire Lobo. [Tese - Vol.1.](#) [Tese - Vol. 2. Tomo 1.](#) [Tese - Vol. 2 Tomo 2.](#)

TARALLO, F. (1991). Tempos Lingüísticos; itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo: Ática.